

Encardecite!

Fazenda Baliza no Rio Cottingo,
25 de Novembro de 1939.

CEDI - P. I. B.
DATA 23 / 03 / 87
COD 00016

Exmo e Revmo Senhor
Dom Archiabbade-Bispo!

Saudações respeitosas em Nosso Senhor J-Cristo.
Estando aqui de passagem aproveito tempo e mesa
para endereçar a V.Paternidade as linhas abaixo.

Antes de mais nada espero que esta carta vá en-
contrar V.Revma com saúde.

Estou fazendo viagem de desobriga e missão na re-
gião dos rios Surumú, Cottingo, Mahú e parte do Tacutuú. Saí de Boa Vista a
19 de Outubro e conto regressar em fins de Janeiro ou princípios de Fe-
vereiro. Como de costume vou a pé levando um a dois companheiros e um bur-
rinho para a bagagem. Graças a Deus estou com saúde e bem disposto. A vi-
agem mesma contribuiu para o completo restabelecimento. Estou fazendo um
recenseamento geral dos Indios das regiões percorridas e a percorrer. Pe-
di a D.Vicente que fizesse o mesmo. Assim dentro de algum tempo sabere-
mos o numero exato ou mais ou menos exato dos nossos Indios. Cito um e-
xemplo a já servir de termo de comparação. Na grande Maloca do Contã na
beira do rio Cottingo contei em Junho de 1936 (então apenas a titulo de
curiosidade) 28 barracas e 1 capella. Agora contei: 27 casas e 230 almas.
Em 1936 eram só 193 almas. Houve portanto um acrescimo; e é preciso notar
que não houve imigrações de outros lugares, antes uma ou outra familia re-
tirou-se para longe. Na vizinhança ha muitas outras casas de Indios que
acorrem ao Contã quando o padre apparece e são subditos do tuxaua de
Contã, hoje Alexandre, filho do finado tuxaua Domingos. A maioria dos Indios
de Contã (e redondezas) são Monoicós, outros são Macuxis e alguns Wapixá-
nas. A capella que houverá em Contã já não existe. Os Indios abandonaram-
na pensando, ou tendo ouvido dizer, que eu não vinha mais. Agora vão fazer
outra capella e melhor que a primeira. Quando estiver feita quero então
demorar-me alli um mes ou coisa queo valha para poder preparar o pesso-
al todo para a recepção dos sacramentos da confissão, crisma e comunhão.
Igual trabalho terei de fazer também em muitos outros pontos; ex. gr. em
Barro (Rio Surumú) onde ha a capella de Nossa Senhora da Gloria, no Taxi
(Surumú) onde construirão capella, em São Bento no alto Cottingo (Capella
de São Bento), na bocca do Aninô no Maturuna onde ha a Capella do Sagra-
do Coração de Jesus, etc, etc. Como fallo já bastante bem a giria Macu-
xi poderei fazer um trabalho de catechese proficuo. Os Indios estão agora
muito animados com o apparecimento do padre macuxi.

Cá perto da "Baliza" ha uma maloca regular de macuxis
chamada Gavião. Também aqui farão capella e estou certo que em muitos
outros pontos. Do Gavião sigo para o Camarão (nas aguas do rio Cottingo),
todos estes lugares nasaba de serras. Do Camarão prosseguirei ao "Canna-
vial" (maloca regular de macuxis). D'ali ao Meritizal grosso, Raposa (ma-
loca regular), Guariba(maior), Napoleão. Estes ultimos quatro lugares já

D. ALCUYNO MEYER

VIAGEM PASTORAL

1939 - 40

Arquivo do Mosteiro S. Bento
Ação Menorias

ficam na agua do rio Tacutú (igarapé de Chumina e Virvá). Do "Napoleão" entro nas serras pela "Santa Maria" indo ao "Triumpho", "Saja:paú-zamê" (cabeceiras do igarapé da Areia), Murucurí, voltando ao Contã onde devo receber correspondência e encomendas de Boa Vista. Do Contã farei viagem ao alto Cotingo visitando varias fazendas nas serras e algumas malocas grandes de Indios Macuxis, Taulipangues e Ingarikós, a saber, São Bento, perto da fazenda Vista Geral, Bocca do Aninô, tuxaua Pedrinho, Pedra Branca; em seguida irei ao Maturum já nas aguas do rio Mahú. De Maturuca tirarei mais ou menos abeirando o Mahú pela Tepéekiri, Cachoeirinha, Sta Maria, Boqueirão da Lua,, Lameiro, entrando já de novo na região dos campos. A beira do Mahú visitarei muitas fazendas prosseguindo dahi pelo rio Tacutú, isto é, na beira mais ou menos de um e outro lado.

Outro assunto. Acabo de descobrir uma coisa interessante. Ha muitos mezes recebi uma carta da Suissa perguntando se não me seria possivel saber dos Indios se aqui no Rio Branco havia uma planta que servia para fazer desaparecer os pello's do corpo interceptando ulterior crescimento; outra planta que seria remedio para paralisia. De um pagé, meu velho conhecido, consegui saber das duas plantas e naturalmente encomedei plantas e sementes. Se for possivel cultivar estas duas plantas no Calungá ou alhures, poderiamos obter a materia prima para dois artigos de importancia grande e teriamos de certo uma boa fonte de rendas para o futuro da missão. Não acha Vossa Paternidade? - Se as plantas não vingarem no Calungá ou perto de Boa vista e sim ficarem restrictas ao seu "habitat" originario, então seria o caso de comprar uma pequena propriedade ou mesmo fazenda nos pontos em questão e seria na serra do Barro (aquem dos rios Surumú e Parimé) e no rio Amajary. Logo que tenha conseguido sementes farei experiencias no Calungá e mais: mandarei cultivar as mesmas plantas em muitos pontos do interior (cargo só de indios). Dali veremos onde melhor se presta para o futuro cultivo.

É o que por ora queria escrever a Vossa Paternidade deixando para o regresso a Boa Vista o envio de outras noticias.

Reitero os meus votos sinceros de Boas Festas e feliz Anno Novo a V. Revma bem como a todos os irmãos do Mosteiro do Rio, etc.

Beijando respeitosamente o anel sagrado de

V. Paternidade

seu sempre humilde supdito

(ass.) Fr. Alcuino O.S.B.

Benedicite!

Capella de Na. Snra. da Divina Providencia, na maloca Macuxi do Guariba (Rio Mahú), 8 de Dezembro de 1939.

Exm^o e Revm^o Senhor
Dom Archiabbade Bispo!

Saudações muito respeitosas em N^o Senhor Jesus Christo!

Espero que V. Paternidade tenha, entretanto, recebido uma carta que escrevi da Fazenda Balisa. O que me move a pegar no lapis a rabiscar as linhas seguintes é o assunto abaixo exposto, que faço preceder de poucas noticias. Graças a Deus estou bem disposto, andando de maloca em maloca e de fazenda em fazenda a fazer o serviço de desobriga. Sinto não poder demorar-me mais do que cerca de 2 dias nos lugares mais populosos afim de instruir os Indios tão necessitados de instrução religiosa. Ficará isso para ocasião mais favoravel. Nos lugares (malocas) que passei depois do Contã na região (trecho parcial) das águas dos rios Cotingo, Tacutú, Mahú, contei até aqui mais 712 Indios. As maiores malocas são as de Gavião, Meritizal Grosso, Raposa, Guariba - quasi todas macuxis. Cá no Guariba encontrei uma capella muito bem feitinha, simpatica e em estilo original. O tuxaua Jerônimo mostrou nissô muito zelo e gosto. É dos melhores tuxauas. Designei como padroeira da Capellinha Na. Snra. da Divina Providencia, cujo patronato pertence às boas religiosas da Assunção no Rio de Janeiro (Sta Teresa). Se V. Paternidade tiver oportunidade de ir lá uma vez para officiar, seria bom contar isso áquelas freiras e ás alumnas do Collegio. Assim ficariam animadas a enviar mais donativos para a missão.

na ultima carta referi-me a duas plantas cujo emprego seria ~~de~~ de muito interesse para nós. Quando no Rio procurava relações no Ministerio da Agricultura, um dos funcionarios chamou a minha atenção para a planta timbó que fornece um veneno hoje muito procurado e utilizado no combate a insetos nocivos das plantações. O timbó contem a substancia chamada "rotenona". Há muitas especies de timbós, umas mais outras menos ricas em rotenonas. Quanto sei, o timbó é proprio da região amzonica. Aqui no Rio Branco existe varias especies. Os Indios usam o timbó para envenenar os lagos e poços de agua afim de entontecer os peixes e apanhal-os facilmente e em quantidade. Já assisti varias vezes á pescaria com timbó. Tronco e raiz é que contem a seiva ou substancia venenosa. Ora acabo de ver junto a uma barraca indigena uma pequena plantação (cerca de 1/2 ha.) de timbó-mesmo em terreno arenoso e fraco em pleno verão; timbó de uma só qualidade com bello crescimento. Encommendei sementes afim de experimentar o cultivo do timbó em nosso Calungá. Poderá vir a ser uma cultura compensadora.

(Continuação da carta de 8/XII/39)

2

Cultivarei uma pequena area no principio e enviarei o produto a Belem (é onde tem installação para fabricação de rotenona e creio que em Manaus ainda não existe). Vendo que dá resultado augmentar-se-á o cultivo (com varias especies de timbó *respect.* com a que mais aprovar). Futuramente poderemos adquirir mesmo os machinismos precisos para a obtenção do pó e (melhor ainda) da essencia da rotenona. Foi o que o respectivo tecnico me aconselhou. Veremos.

Hoje só levo comigo uns raminhos de timbó como mostra e aguardarei a remessa de sementes, para no inverno poder iniciar a cultura. - É isso por hoje.

Beijando repetidamente o annel sagrado de V. Paternidade

sou sempre muito grato com amor filial

(ass.) fr. Alcuino O.S.B.

Maloca de S. Maria, 14 de Dezembro de 1939.

Exm^o e carissimo Senhor
Dom Archiabbade-Bispo.

Laudetur Jesus Christus!

Escrevo estas linhas sobre o joelho á falta de mesa. Completando o que escrevi de Guariba (Serra do Guariba), tenho a dizer mais o seguinte.

Timbó. Já consegui muita semente de timbó "azá" com varios Indios Macuxis de Guariba. O tuxaua Jeronimo vai colher tambem outras especies de timbó (existentes nas serras) e leva-las-á a Boa Vista. Pretendo então mandar as amostras obtidas ao Ministerio da Agricultura afim de serem examinadas as diversas especies. Assim saberemos logo qual ou quais as especies que contem mais rotenona e de qualidade; e destarte, pouparemos tempo e trabalho. Quando V. Paternidade vier ao Rio Branco talvez já possa trazer o resultado da pesquisa.

No Guariba adquiri tambem muitos artigos ethnographicos, alguns muito bonitos e interessantes. E por ahi afóra hei de conseguir ainda muitos mais. Naturalmente não osposso levar comigo (salvo alguns poucos). Deixo-os em certos pontos para dahi serem remettidos a Boa Vista, quando houver portador e oportunidade. O tuxaua Jeronimo p. ex., irá com alguns outros Indios a Boa Vista em principios de Fevereiro levando então os objetos ethnographicos comptados ou encomendados. O mesmo levará tambem alguns curumins para a escolda de Calungá.

De Guariba saí para a maloca do Napoleão á beira do Igarapé do Virvã. Os Indios Macuxis de lá dependem tambem do tuxaua Jeronimo tanto que este me acompanhou ao "Napoleão". Quem porem não me acompanhou foi a burrinha, a mula de carga, animal alás muito bom, manso e fiel. Na noite anterior fugira por não ter provado milho no Guariba; fugira com saudade do milho. Apareceu no dia seguinte trazida por um rapaz. No Napoleão ha menos gente do que no Guariba com cerca de 100 casas. No Guariba contei 140 almas e no Napoleão 89. Ahi vão fazer a Capella de S. Jeronimo. Quando eu puder vir a Guariba para preparar os Indios para confissão e communhão, o pessoal do Napoleão irá para lá (cerca de 3 - 4 horas de distancia).

Do Napoleão tirei para o alto Virvã até o lugar S. M Domingos (Yakárekeré na giria: Tesó ou morro do jacaré). Ahi como em varios pontos já percórridos encontrei entre rocha de granito sob enorme pedra em nichos naturais urnas funerarias de antigos Indios, isto é, panelões com ossada. Ainda terei ocasião de ver e examinar mais outros sepulcros do genero. Futuramente levarei aparelhos afim de poder proceder a um exame minucioso das ossadas fazendo acraniometrias, etc. o que fornecerá dados interessantes para a anthropologia e ethnographia. Inscricões ou petroglyphos só encontrei uma vez no percórso da presente viagem: foi no "Gavião" (Cotingo). Creio ter descoberto uma nova theoria para

Continuação da carta de 14 de Dezembro de 1939.

a explicação dos petroglyphos (observei muitos em outras viagens) que poderei demonstrar com prova ao meu parecer bastante para corroborar a minha theoria de modo a não resultar nova hypothese.

De S. Domingos a Fazenda Visella sai hontem (13) pela maloca do Tucunaré até S. Maria. Foi uma viagem um tanto accidentada. Pela manhã chuva-caminhei um pouco atravez da rochas, e sobre pcararia-quartzo, granito, gneiss, feldspato, bsalto; trechos havia bem difficeis e ingremes. Uma vez a burrinha caiu e as malas foram jogadas no chão. Já perto da maloca de S. Maria surpreendeu-nos a noite. Apesar de ter um guia comigo não encontramos a maloca (pois esta fôra transferida para outro ponto desconhecido ao guia). Resultou termos de pernoitar ao relento em ponto ruim sem agua. Com sede tivemos de deitar-nos (a fome era mais suportavel-não almoçamos nem jantamos e andamos boas 8 horas a pé). Mal dormidos (pois nem armadores havia proprios para as redes permittindo apenas posição incommoda), sem agua, fomos bem cedo á procura da maloca que encontramos depois de 2 horas de caminhada. São peripecias de viagem.

Fazenda Nascente no Igarapé do Virvã, 1 1/2 horas distante de S. Maria, 15/XII/39.

Achando mesa e tinta continuo a escrever. A Fazenda Nascente pertence ao velho Piauhynense José Leite, lugar bem situado e proprio para criação de gado e para roças. Amanhã haverá aqui S. Missa, pratica e uns 9 baptizados. Virá o pessoal de S. Maria e das redondezas daqui assistir á S. Missa etc. - Depois seguirei viagem até a maloca Macuxi do Igarapé da Areia (já em aguas do Rio Cotingo): Saka: pan-zanê (Isto é, cabeceira do "Areia"), onde deve reunir-se muita gente. Só depois de terminar a presente viagem de 3 mezes e pouco é que poderei marcar num mapa o roteiro todo e envia-lo em seguida a V. Paternidade.

Em S. Maria vim a conhecer de visu a planta que na giria se chama Piweyé. É a que serve para curar paralyasia. Ainda não sei o nome portuguez nem a denominação latina. É a planta que um pagé me ensinou (segundo já tive oportunidade de informar a V. Excia), ao menos o nome é igual. Quando o pagé me arrumar a planta é que poderei confrontar com outra que levo comigo. É arbusto que cresce em fendas ou entre rochas. O fruto ~~que cresce em fendas~~ se assemelha muito ao araçá. O tempo da inflorescencia é na primavera (Set. Out.). Levo um bocado de sementes. - Ha muitos annos um conhecido de Manaus (o finado Jorge Huebner) pedira-me que me interessasse por achar a planta Banisteria caapi propria para curar paralyasia. Não tive então elementos para com aquella indicação descobrir a planta alludida. Não temos no Rio Branco nenhuma obra (grande) de botanica systematica, a não (ser) a Flora Guyanense de R. Schomburgk que eu trouxe o anno passado. Resta averiguar se a Banisteria caapi coincide com a "Piwe-yé" dos Indios, ou ainda com a que o peticionario suiso chama de Guayusa. - Havemos de descobrir isso ainda.

O numero de baptizados nesta viagem já está em 200 e o de casamentos em 59. Penso que o numero de baptizados a fazer em toda a vi-

Continuação da carta de 14/XII/39.

3

ultrapassará muito a 300.

Futuramente havemos de situar (isto é, será conveniente e até necessário) uma missão ou seja estação missionaria na região serrana entre os rios Cotingo e Mahú; e outra no alto Surumú ou de lá para oeste. Já vou reparando nos pontos mais adequados.

Entretanto será preciso continuar e completar a instrução religiosa dos Indios já ha longos annos sob a acção missionaria. Para isso não vejo outro meio melhor do que o methodo que já expuz a V. Paternidade: é passar um mez ou 5,6 semanas nos nucleos mais populosos a ensinar e preparar os Indios, e isso na lingua Macuxi, tarefa que por ora só poderá caber a mim e que embora com deficiencia, desempenho todavia com muito gosto e zelo.

(sem assinatura)

Maloca de São Fidelis do Contã no rio
Cotingo, 2o de Dezembro de 1939.

Da Fazenda Nascente (ainda em aguas do rio Tacutú) prosseguimos, 4 pessoas incluindo o guia de S. Maria e seu filho, rumo das cabeceiras do igarapé da Areia (Saka: pari-zadmũ). Acampados n'um lindo igarapé na região quartzifera e porphyro-quartzifera para o rude almoço de carne assada e gibé de farinha, fugiu-nos a burrinha e foi preciso 2 rapazes irem atraz dela cerca de 1/2 hora. Entretanto eu segui viagem sósinho por estreitos valles entre cordilheiras de serras de altura regular passando o divisor das aguas dos rios Tacutú e Cotingo. Já de tarde cheguei a um igarapé largo e bonito, de muita areia. Este me desorientou fazendo-me crer que a maloca, á qual pretendia chegar, estava proxima nas cabeceiras do dito igarapé. Fiado nisto deixei o caminho e fui pela savana ganhando a aba da serra e nada de avistar casa. Com pouco vi-me perdido errando pelo capim alto e basto, por barrancos e despenhadeiros, meritizaes, por matos rasteiros, bosques de caimbé e merixy. Topei com uma cobra cascavel. Este animal venenoso tem uma boa qualidade: avisa a quem dele se aproxima fazendo soar o chocalho da ponta do rabo. Ouvi o sinal de alme e olhando para a direção onde partia o som, avistei a cascavel a cerca de 5 ms. de distancia. A bicha tinha a cabeça erguida e o corpo meio desenrolado pronto para o bote eventual. Naturalmente afastei-me do lugar continuando a errar até que, ao cabo de 2 horas de fatigante marcha dei outra vez com o caminho. Vi agora o rasto dos companheiros que entretanto passaram e suspirei alliviado. Com pouco anoitece quando chego a um denso meritizal onde o caminho estreito se apagou e no escuro tive de procurar passagem pelo igarapé cheio de poços fundos e traiçoeiros. Felizmente achei passagem boa e fui seguindo, seguindo, outra vez sem caminho, já quasi sem a esperança de ainda neste dia achar a maloca ansiosamente procurada. Até que em fim dei com um fio de areia entre outros muiotos mais parecidos a caminho e ás 19 1/2 horas avistei as 2 casas grandes da maloca do Triumpho velho (sakapaú-zadmũ). Julguei encontrar lá os companheiros, mas nem noticias delles. Meia hora depois da minha chegada vieram tambem eles depois de me procurarem em vão na direção de fogos por mim atados em varios pontos das savanas de capim secco. Passei o dia seguinte, III Dom. do Advento, naquela maloca. Houve lá S. Missa etc. - O pessoal juntou-se no correr do dia acorrendo de varios lugares da redondeza. Os derradeiros só apareceram IIa. feira pela manhã quando então fiz 11 baptizados e 2 casamentos, benção de 2 cemiterios. Em toda a região de S. Maria a Triumpho velho vim a reparar falta de porção de Indios conhecidos que entretanto..... Uma epidemia de impaludismo assolara toda a região em 1937 ou 1938, matando a muita gente. Terminando o serviço no Saka: paú-zadmũ seguimos viagem á Fazenda Triumpho no igarapé do Caimbé, 3 horas distantes onde houve

3 baptizados e o almoço ás 18 horas. Os Indios da redondeza (1 má maloca de 2 barracas junto ao Igarapé de Murucury) afluíram á fazenda que pertence ao velho Pernambucano Pedro Rodriguez, mas ainda só encontrei Indios a tomar conta enquanto um filho do proprietario está ausente. É das melhores fazendas, com agua boa e abundante, mesmo na força do verão. No dia seguinte sai do Triunpho, já rumo ao Contã, um pouco abeirando o Rio Cotingo que nesta zona tem uma cachoeira atrás de outra. O caminho por altos e baixos entre pedras por trechos ingremes e difficeis obrigando-nos varias vezes a arrear a carga e transportal-a nos hombos. Com sol causticante chegamos ás 13 horas na Fazenda Quixadá, onde almoçamos. Havia lá muitos mineiros ou garimpeiros em transito e é ponto de já grande movimento comercial. Quasi defronte, á margem direita do Cotingo, fica situada a maloca do Contã, onde chegamos ás 16 horas terminando a segunda etapa da viagem. Amanhã principiará a terceira sobre a qual hei de eserver mais adiante.

Esperava encontrar no Contã correio e encommendas de Boa Vista, mas a meu pesar nada encontrei. Os mensageiros ou portadores casuais tinham falhado. Assim á expectativa esperançosa seguiu-se uma decepção. Paciencia.

Outros assuntos ficam para a relação futura.
De V.-aternidade

grato e indigno filho

(ass.) fr. Alcuino O.S.B.

Capella de São Bento na Maloca do Ikúpe-imã (Lago Grande)
perto da Fazenda Vista Geral no alto Cotingo,
25 de Dezembro de 1939.

Exm^o e Revm^o Snr Dom Archiabbade-Bispo!

Saudações respeitadas em Nosso Senhor Jesus Christo!

Escrevo estas linhas numa capella entre Indios, capella esta que já havia quando aqui passei em 1936.

Vou referindo o seguimento da minha viagem, desde o Contã, isto é, o principio da terceira etapa. Saí da Maloca de S. Fidelis do Contã a 21/XII pela manhã atravessando o Rio Cotingo. É um rio de curso comprido e margens muito altas, que tem as suas nascentes no monte Boróima. Mesmo na força do verão o Cotingo sempre tem muita agua, coisa que não se dá para com o Tacutú, do qual é tributário. O Tacutú, embora tres vezes mais largo do que o Cotingo, secca depressa, a ponto de não dar passagem a lanchas, e no verão forte nem mesmo a canoas. No seu curso superior fica empoçado. Defronte á Maloca do Contã (na giria Macuxi Araikeré: têsos da piranha-têsos chamam-se no Rio Branco as elevações culminantes dos terrenos ondulados, especie de morros) acha-se a fazenda Quixadá, hoje um ponto de muito movimento commercial devido ao transito de grimeiros. Deram-me lá um "segura-peito" (refeição matinal: mingau ou...) Em ponto de reunião de mineiros como este facilmente dão-se desordens devido á cachaçadas. Ainda ha poucas semanas um preto de nome José Maria de Mattos quasi quebrou a cabeça do tuxaua Alexandre do Contã, deixando-o em misero estado. Ambos estavam com as cabeças aquecidas pelo alcool e pouco faltou resultar a morte da vitima. Aconselho aos civilizados de não fornecerem bebidas alcoolicas aos Indios. De Boa Vista pretendo escrever ao Snr Coronel Vasconcellos, Chefe da Protecção dos Indios (no Rio) pedindo providencias para que seja severamente proibido aos brancos de venderem ou darem cachaça aos Indios (propensos á bebedeira), isto se o prefeito ou delegado de policia de Boa Vista por si mesmos não puderem ou não quizerem tomar providencias necessarias. Esta medida evitará muitas desordens e mesmo desgraças.

No Quixadá fiz algumas compras, roupa para o meu companheiro Cipriano, tabaco, café, assucar, etc., e apliquei remédios numa india do Mahú em transito que ficara com um pé bastante machucado. Segui viagem pelas 9 3/4 abeirando serras num plano por um campo semeados de enormes casas de cupim e continuamos por subidas e descidas de serras em ascensão leve entre rochas e lages de granito e gneiss. Num ponto o caminho é tão feio que se precisa tirar a carga do animal-ás 13 horas chegamos á uma bocca do Javá Keré na beira do igarapé Murucury, onde passei o resto do dia e até as 13 ou 14 horas do dia seguinte. Juntaram-se uma porção de Indios quasi todos já visitados nos dias passados. É um ponto bonito como aliás quasi todos desta região do valle do Cotingo.

Do Murucury fomos por caminhos mais ou menos planos inter-

rompidos por elevações apenas em poucos pontos. Aproximando-nos, depois de 3 horas demarcha, da beira do Cotingo, avistamos uma casa ainda não embarrada (?) e um curral novo. É uma fazenda recentemente asituada por Pedro Roiz, ainda sem vaqueiro. Por duas vezes tomamos chuva, eu protegido por boa capa de borracha. Machuquei o pé esquerdo topando com uma pedra mal visível que me arrancou a unha de um dedo-accidente um tanto dolorido respectivamente (?) doloroso. À bocca da noite chegamos à fazenda São João na margem esquerda do Cotingo. Queria almoçar neste dia a Fazenda São Luiz, quasi defronte, entretanto era arriscar atravessar o rio (quasi) á noite só ao clarão da lua, e pernoitamos no S. João. Na manhã seguinte apenas clareou o dia, atravessamos o Cotingo cheio de pedras grandes e pequenas de toda a qualidade e forma, e com correnteza regular em varios pontos. O Cotingo tem ahí a largura que estimo em 200 metros- só em dois pontos deu agua no joelho. Na Fazenda S. Luiz celebri Missa e preguei. Não houve comunhão porque o pessoal não estava avisado, apesar do preto José Maria ter chegado lá na vespera podendo tê-los avisado. Saí do S. Luiz ás 10 horas, por caminho plano, até o igarapé que os Indios chamam Wárápa-uté com paragem bonita, onde almoçamos. Prosseguimos ás 14 horas entrando com pouco nas serras por altos e baixos, montes e valles, pedraria a não acabar mais. Ás 16 1/2 horas descansamos á beira do Igarapé da Estrella prosseguido ás 18 horas. Havia bom luar e o ponto a alcançar ainda distava uns 5 horas. Auando foi lá pelas 19 horas encontramos o caboclo Wapiscána (Wapischána) Neves que vinha a cavallo levando 5 ou 6 cavallos cargueiros. Resolvemos acampar juntos e pernoitar pertinho do Igarapé da "Volta". Neves viaja com cavallos proprios mas a serviço de um branco. Conduz cargas para as minas e recebe por cada carga, isto é, por animal 50\$000 e elle mesmo 5\$000 por dia. Destarte elle ganha uns 2 a 3 contos por mez. O Neves deu-me de presente um pequeno diamante.

Na manhã seguinte, Domingo, vespera de Natal, não pude celebrar Missa por causa do vento e soffri a decepção de saber que a burrinha tinha fugido durante a noite. O meu rapaz teve de ir buscá-la na Fazenda Vista Geral (3 1/2 horas distante). Ás 7 1/2 horas prossegui sósinho e vim encontrar o Cipriano na ultima grande subida antes de chegar nos campos ondulados de Vista Geral. Estava com fome e já me alegrava com o avizinhar-me da Fazenda, mas nem leite havia por estar ausente o vaqueiro. Apenas provei um cafesinho e agua e fui para a maloca de Ikúpeimé do tuxauá João Pedrinho. Chegando lá ~~10/11~~ depois do meio dia. O meu bagageiro appareceu ás 17 horas. O pessoal, na maioria Indios Macuxis, mas tambem cruzados com Monoicós, Ingaricós e Wapischanas, não estava reunido e creio que a mór parte só apparecerá hoje de tarde, motivo porque tenho tempo de rabiscar estas linhas. Esta região é alãa e sardia como poucas. Chegando ao tope do monte que chamam "Valha-me Deus" (será nome dado pelós garimpeiros) logo se respira um ar mais leve e sente-se grande differença de temperatura. A tarde era fresca e a noite fria obrigando-nos a agazarmo-nos melhor. Seria um dos pontos que eu acan-

achava proprio para o estabelecimento de uma missão. A Fazenda "Vista Geral", cujo fanal, o monte pelos indios denominado "Aduépú" (isto é, amendoim), em virtude da forma faviforme da culminancia, eu diria nariguda, pertence a Adolfo Brasil. Fôra situada por José Leite e a este pertencia até que A.B. se agradou do lugar e desejou possuí-lo obrigando ao antigo proprietario a vendê-la (contra a vontade deste).

Continuarei com a descripção da viagem etc. mais adiante.

Submeeto agora á apreciação de V.P. ternidade o problema seguinte. Até hoje só demos aos Indios que se baptizam um nome (de santo). Para evitar confusão etc. para o futuro, acho que seria conveniente acrescentarmos tambem um nome de familia como sobrenome. Quando V.Revma vier poderá indicar qual o critério a seguir na escolha dos nomes. Sei que os Padres Capuchinhos de Sta Helena já ha muito adotaram este systema de dar sobrenomes Venezuelanos. Poderemos discutir este assunto e ver o que será/conveniente a fazer na escolha.

Como V.Exma sabe, estou fazendo o recenseamento dos Indios. É por ora o 1º ensaio que futuramente ha deser aperfeiçoado. Pedirei aos Capuchinhos de Sta Helena que tambem façam o recenseamento dos Indios Taulipangs etc. de Venezuela. Depois de regressar outra vez e demorar algumas semanas em Boa Vista quero ver se vou no Tacutú e nesta ocasião procurarei interessar tambem os Padres Jesuitas para fazer o recenseamento dos Macuxis, Ingarikós, Wapischanas etc. da Guyana. Assim aos poucos saberemos o numero mais ou menos exato dos Indios de cada tribu. V.P. ternidade ha de certamente aprovar este plano.

(Contin.) Demorei-me em São Bento (Vista Geral) na maloca de Ikúpsimé até depois de uns dez dias de 27/XII. Juntaram-se muitos Indios Macuxis e alguns Ingarikós e Taulipangués, mas não vieram todos quanto eu esperava. No dia 27 fiz ahí uns 4 casamentos e 17 baptizados. Tambem aqui angariei objetos ethnographicos, amostras de minerais e instrumentos de pedra polida dos antigos Indios e encomendei muitos artigos assim. Aos poucos teremos destarte uma colleção boa e material bastante para remetter ao sul e sobretudo a S.Paulo.

Benedicite!

Warodmetá (am oberm Cotingo)
28 de Dezembro de 1939.

(contin.) Saí de Ikúpeimẽ rumo ao Cotingo. Apenas 1 hora o caminho escureceu-se o ceu e nuvens negras promettiam imminente chuva. Graças a Deus achamos logo uma maloqueinha á beira do Igarapé Caraparã, onde chegamos a tempo para poder-nos abrigar da chuva, que não tardou. E ahí passei a noite, um tanto mal por não poder estender bem a rede num espaço estreito e acanhado. Na manhã seguinte fui ver o Igarapé Maricó, quasi duas horas distante (afluente do Cotingo) que os Indios me disseram ser bom lugar. O igarapé em questão é bom, de agua limpa e abundante e é falto de piom, praga que tem na beira do Cotingo, Quinô e outros afluentes. Seria um martirio morar em sitio de muito piom. A região é boa, campos serranos, muita pedra, mas não tem a vista ampla e bella do Ikúpeimẽ e Vista Geral. Teria pequenas ~~cachoeirinhas~~ cachoeirinhas que talvez servissem para uma pequena turcina electrica e certamente para ~~cafeiro~~ ^{cafeiro} d'agua (Widder). Vista Geral, Ikúpeimẽ tem optimas pastagens e terras frescas e boas (menos nos campos) para roças e plantações, mas não tem matas nem agua boa (só 1 igarapé empoçado no verão e de agua suja (em parte devido ao gado). Nesta pequena excursão encontrei grande quantidade de "pedras pintadas", isto é, esculpturas ou figuras cravadas em rocha, umas superficiais, outras com uns riscos de 1 cm. de profundidade. De tarde saí da beira do Carapaní (?) e fui ao Warodmetá, isto é, á barraca do tuxaua Alberto Ribeiro (Wapischãna) que ha tres annos mora qui comprando e vendendo farinha etc. para os mineiros. É um velho conhecido. Sêrvira de guia e interprete para o general Rondon quando esteve no Rio Branco em 1927. O capitão Alberto contou-me novamente como o general lhe aconselhara a prestar todo auxilio e apoio aos padres, pois estes os tem ajudado muito na civilização dos Indios ao passo que o pessoal da "Protecção aos Indios" quasi nada fizeram de efficiente. Ainda bem!

Estou na região dos garilpeiros e das minas de ouro. Ao longo do alto Cotingo e no Rio Quinô, bem como nos muitos afluentes dos dois rios ha grande numero de mineiros. Tem vindo muito pessoal de Manaus e Pelem, uns com familia, outros sós, a trabalhar no ouro (e diamantes). Assim o alto Rio Branco está se povoando de civilizados, brancos, mestiços. Já muitas vezes encontrei nesta viagem mineiros em transito, e nas ~~serras~~ serras ~~entradas~~ ^{entradas} hei de encontrar muito mais. Até muitos Indios estão ~~trabalhando~~ trabalhando em ouro, uns por propria conta, p.ex. o tuxaua José Armando de Almeida (do "Limão", confluencia do rio Surumé e Cotingo, que fôra alumno dos padres e a quem D. Archiabbade Pedro levara até o Rio de Janeiro). Vim encontral-o hoje aqui. Ele trabalha no leito do Cotingo, pertinho d'aqui. Por caixa e com auxilio de azougue tira por dia 5 a 8 gramas, mas só pode trabalhar quando o rio está secando. Ora o Cotingo enche e vasa de continuo. Escreverei mais sobre minas e mineiros quando sair da região aurifera.

(2)

Resolvi convidar 1 ou dois Índios de cada aldeamento maior onde ha capella ou vai haver, para ir ao Calungá, passar 2 ou 3 mezes na época de inverno afim de se instruirem e aprenderem as orações. Regressando ás suas malocas, estes poderão ~~encontrar~~ ensinar as orações aos seus parentes e assim aos Domingos e dias santos os Índios poderão reunir na capella para as orações, como estão fazendo, por ex., em Maturuca. Isso para adiantar o serviço e porque tão cedo não poderei passar muito tempo em cada capella ou cada maloca com capella.

Terminando a presente envio a V. Paternidade as mais respeitadas votos e Boas Festas para a S. Paschoa e fico sempre devotado subdito e filho mui reconhecido.

(ass.) ind. fr. Alcuino O. S. B.

Benedicite!

Fazenda Caranguejo (Igarapé do Caranguejo),
afluente do Virvã(tacutú), lo de Janeiro de
1940.

Exmo e Revmo Snr D.Archiabbade-Bispo!

Saudações muito respeitosas em Nossa Senhor Je-
sus Christo .

Desde o "lto Cotingo não tive mais tempo e o-
portunidade de escrever a V.Paternidade. Não sei se já participei o fac-
to de no Alto Cotingo perto de Waródmata, ter encontrado um mineral que
suspeito ser aluminium ou Peschblende. Se o fosse conteria radium e por
certo seria um achado importante. Resta avegigua-lo depois de ter podi-
do enviar amostras ao Rio.

No Alto Cotingo resolvi mudar um pouco de ro-
teiro. Não dispondo de tempo para fazer o serviço como devia ser, deixei
de ir até a bocca do Rio Aninô (afluente do Cotingo pela direita)
como também ao Flechal(Peréumaká) do tuxaua Pedrinho (retirado para o
centro da margem esquerda do Cotingo). Na boca do Aninô bem como no Alto
Aninô moram muitas familias de Taulipangs e o pessoal do tuxaua Pedri-
nho é composto de Macuxis e Ingarikós.

Faço um patentese. Perto de Waródmata encontrei
o tuxaua José Armando d'Almeida (tuxaua do "Limão"-encontro dos rios Su-
rumú e Cotingo) que estivera no Rio de Janeiro. Está por alguns mezes
trabalhando em ouro e faiscando diamantes no leito do rio Cotingo e vez
por outra explorando alguns igarapés. José Armando trabalha com um so-
cio civilizado Piauhyense e alguns caboclos do "Limão". Disse-me ele que
trabalhando em caixão e em azougue obtem por caixão de 6 a 8 grs. por
media. O Rio Cotingo porem enche e vasa de continuo difficultando bastan-
te o serviço. Enchendo não se pode trabalhar, de modo que os garimpeiros
não podem tirar grande resultado. O socio de José Armando propoz a este
presentear-me com um belo diamante roseo e José Armando prometteu leva-
lo a Boa Vista quando lá for por todo o mez de Março. Convem anotar a
particularidade seguinte: á beira dos rios Cotingo, Aninô e Mahú ha i-
mensidade de piuns, praga muito desagradavel, constituindo um verdadeiro
martirio para os que continuamente têm que aturar tão indesejaveis com-
panheiros. - O José Armando tem familia no Limão (um menino está se
educando no Calungá), mas cá no centro vive amasiado com uma india da ma-
loca do tuxaua Pedrinho. A principio era apenas cozinheira, mas a ins-
tancias dos pais da moça vira-se quasi coagido a aceita-la por companhei-
ra. Esta explicação me deu ele e me dera também o capitão Alberto Ri-
beiro, ~~etc.~~ atenuando assim a culpabilidade do tuxaua de Limão. Antigamen-
te, no tempo em que os Indios eram ainda pagãos, os tuxaus tinham direito
a mais de uma mulher. - Assegurou-me o José Armando que está arrepen-
dido do passo errado que dera e que em breve vai voltar ao seio da fa-

milia afim de continuar a morar no Limão. O tuxaua José Armando tem fóros de tuxaua grande. Quer ampliar a maloca do Limão; chamar para lá maior numero de caboclos. Prometteu-me fazer lá uma capella grande e boa. Segundo este tuxaua me informou alguns emissarios dos Ingarikós (Panarikó e outros) vieram por mais de uma vez até o tuxaua Pedrinho a saber noticias do padre e desejosos de que este vá visitar a região deles. O civilizado João Mendonça (que vim a encontrar mais tarde no "Socó"), fazendeiro do Maracanã no rio Mahú e explorador de ouro, etc. me confirmou a mesma ~~pp-~~ informação. Disse-me que voltava agora duma exploração ao alto Cotingo (região das cabeceiras, entre estas o igarapé do Paraní: d'ahá o nome de Panarikó para os Ingarikós daquelle sector) e estivera durante semanas com aquelles Ingarikós, Indios muito bons. A pergunta delle: "O padre Alcuino ainda não estivera com vocês?" responderam tristes que não, mas que queriam muito que o padre viesse ou ou fosse ter com elles. A vista disso resolvi agora deixar de visitar a bocca do Aquinô, "Pedrinho", etc, para formar nova viagem, ~~pp-~~ lá por fins de Fevereiro ou principios de Março se Deus quizer, aproveitando então o resto de verão. Terei de recordar as orações, etc. que tenho em lingua Ingarikó, pois faz anos que ~~pp-~~ não mais tinha o oportunidade de falar esta giria, que tem muita coisa de macuxi e taulipang. Fui então do Cotingo á Fazenda Natal por caminhos em parte feios e ingremes. A fazenda Natal está muito bem situada e dispõe de clima otimo e agua bastante boa e abundante. Pertence a Adolfo Brasil, com a fazenda vizinha de Vista geral (duas horas a pé duma para outra). É um caboclo wapischana bém civilizado que toma conta. Cheguei lá ás 13 horas depois de mais ou menos três horas dde caminhada. Havia porção de vaqueiros que tinham trazido uma boiada de 370 cabeças. Este gado veio da Fazenda Tipografia e Consolação (do rio Parimé) e tem de acostumar-se agora nos campos dentro das serras. Adolfo Brasil mandou aviso aos Indios da região para que cercassem bem as roças. Isso é muito facil de dizer e mandar mas como é que os Indios hão de cercar bem as roças se não dispõem de atame farpado e os Snrs fazendeiros, a principiari pelo prefeito, não lhes dão arame? Só o Governo intervindo. Em viagens anteriores tivera eu ensejo de ouvir constantes queixas dos Indios bem como de civilizados sobre este assunto. O General Candido Mariano Rondon visitando o Rio Branco em 1927 convenceu-se da necessidade do Governo fornecer arame farpado aos Indios. Prometteu aos mesmos envia-lo mas o fato é que os Indios nunca viram este arame. Estando eu no Rio (em 1938) fui procurar o Chefe da "Proteção aos Indios", Coronel Vasconcellos, expondo a ele a situação dos indios desta região e insistindo na necessidade cada vez mais premente da remessa de arame para as cercas. Ora mais ou, menos ao mesmo tempo em que eu regressava ao rio Branco, enviou o Governo Federal (isto é, o Ministério da Guerra, ao qual está filiado o Serviço de Proteção aos Indios) segundo me consta uns 400 rolos de arame farpado que hoje se acha no deposito da fazenda Nacional de São Marcos. Ou por esquecimento do governo em mandar tambem a autorisação e normas ao delegado de Indios daqui para a conveniente distribuição do arame ou por descaso de instancias subalter-

nas ou por que não sei motivo (o administrador de São Marcos, o Dr. Manoel grandeiro, e o delegado de Índios, Sr. José Lisboa, são inimigos!), o fato é que o arame ainda está ahi á espera de entrega-~~do~~. Hei de passar pela Fazenda "acional e saber isso "de visu". Conforme for, escreverei ao Coronel Vas oncellos, pedindo a sua solução. Acho bem fazer isso a bem dos pobres Índios.

Da Fazenda Natal tirei para a maloca do Kapoiwesé, no Elíne-uté, em marcha penosa por terreno muito accidentado e pedraria féra, porem com tempo magnifico, gastando neste trajecto cerca de sete horas tendo varias vezes de arrear a carga do animal em passagens especialmente difficeis e perigosas. Na Maloca Kapoiwesé passei o fim do ano e o inicio de 1940, sem festa e sem ~~ruído~~ ruído, na maior simplicidade. Os Índios daquelle lugar, na maioria macuxis e Ingarikós, conquanto (bem!) vestidos conservam os costumes originais-as mulheres pois de cabellos compridos-não teem a menor noção do que para os brancos constitue motivo de especial reparo e larga fartança-a passagem de ano. No Elíne-uté, isto é, no seu leito seco (o igarapé empoçado) e pedrento, achei muito piwe-yé (a planta que cura a paralisia!) observação que em seguida vi confirmar-sem varios igarapés entulhados de pedrarias. No Kapoiwesé só havia então um homem, o velho tuxaua Francisco Paquí, o mais eram mulheres e crianças. Toda a tropa de homens tinha ido caçar veados gastando nessa caçada uns 5 a 8 dias. Deixei esta maloca no mesmo dia 1º de Janeiro, subindo serras, caminhando pelo dorso de um chapadão e descambando logo por descida íngreme, de altura respeitavel, não sem dar primeiro uma volta de uma hora por caminho impossivel de transitar o animal. Da borda do chapadão avistava-sem em bellissimo panorama o valle do rio Cotingo. Acampamos, por volta das 13 horas e meia, á beira do Cotingo, como os Macuxis o chamam, para tomarmos o almoço de carne assada e farinha retemperado por uma canequinha de café. Permittimo-nos um pequeno descanso, eu pelo menos, um tanto fatigado de (subir nem tanto mas de) descer serras. Mas quala quantidade de piuns era tal que ninguem tinha sossego por um minuto sequer. Atravessamos o Cotingo, todo assoalhado de pedras, em ponte muito escorregadiça, com a agua abaixo dos joelhos e só em dois pontos até o meio do corpo. No leito do Cotingo encontram-se em muitos lugares pedras de determinado formato que ás vezes contêm diamantes. Um patricio meu, velho garimpeiro que creio já passou por toda a America do Sul, confiou-me este segredo quando ha anos em Boa Vista lhe mostrei uma coleção de pedras do alto Cotingo. Quando tiver uma vez tempo e oportunidade poderei experimentar se descubro algum diamante (do Cotingo) encapado. - Do outro lado do rio prosseguimos viagem-só assim podia-se evitar a picada dos piuns, fugindo-se deles- por terreno inteiramente plano, em boqueirão estreito entre o rio e a cordilheira de serras. Já ao escurecer chegamos á beira do Igarapé Kampaní (Kampalú?) onde achamos alguns postes a servirem de armadores para as redes, lenha para o fogo e restos de mobiliario de antiga maloca. Passamos a noite em plena solidão e muito cedo de madrugada do dia seguinte já novamente estavamos a caminho, á luz do luar em quarto mingunte. Deixando o valle do Cotingo tivemos de galgar uma serra de altura regular, seguir por sua extensa lombada, terminando por ligeira descida e dentro em breve, lá pelas 8 e meia, chegamos á maloca da Pedra Branca, toda de Macuxis e alguns Monoicós. Tem umas 8 casas. Na manhã seguinte fomos á fazenda Socó (Igarapé do Socó, affluente do Cotingo, porem as suas cabeceiras distam apenas uma hora do leito do rio Mahú) cerca de 5 Kms) chegando lá após tres horas de caminhada por terreno levemente ondulado. No Socó mora o ve-

lho mineiro Severino Pereira da Silva, casado pela segunda vez com Índia Macuxi e pai de numerosa família. Este Parahybano está no Rio Branco há mais de 30 anos. Foi ele que iniciou o trabalho de mineração de ouro e diamantes no alto Rio Branco. Em 1928 encontrei-o no igarapé do Eremitau, um dia de viagem daqui para o N. Estava então amasiado com uma macuxi e casou-se. Em 1936 foi até o Rio por avião, levando muitos kilos de ouro e não sei quantos diamantes fazendo com que muitos nordestinos e gente do Pará e de Manaus etc. viessem tentar fortuna nos garimpos do Alto Cotingo. Ele afirmou-me que calcula em cerca de 700 pessoas os que presentemente trabalham em ouro etc. no Cotingo e Aninô. Houve época em que um garimpeiro achava nos melhores lugares centenas de gramas de ouro por dia. Ultimamente tiram pouco resultado mas em geral ainda compensador. Não falta entretanto quem tenha tido prejuízo. Além dos civilizados também muitos índios exploram ouro e diamantes, ou como empregados dos brancos ganhando (se é que recebem) 150\$ por mez além de comida e pequenas regalias, outros por propria conta. É interessante conversar com o Sr Severino, sobretudo em assunto de minas. Prestou-me algumas informações valiosas e deu-me algumas amostras de minerais, p.ex. turmalina, um pedaço de columita (contendo 60% de platina, procedente da Parahyba, mas Sr Severino assevera que já o encontrou nesta região), um pedaço de -parece que é- alcatrão, proveniente do rio Ananá - é bem possível que lá se encontre petróleo, etc. Ficou de arranjar-me um vidro de água radioativa, outra de olmidium ^(?) que encontrou num ou noutro igarapé (não me disse em que pontos). Soube também de mais algumas plantas medicinais, talvez importantes. No Socó passei o resto do dia. Na Manhã seguinte houve Santa Missa, pratica, 3 batisados. De tarde - (o burrinho fugira e foi trazido só de tarde) fui á grande maloca do Maturuca, onde muita gente me estava esperando. É de todos o lugar em que maior numero de índios se reúnem. A maloca principal fica ao pé da serra do Maturuca e dista menos de uma hora da beira do rio Mahú, em linha reta mal 500 ms. Contei ali doze casas, uma capela velha que vai servir de habitação para o padre quando puder passar ali uma temporada, e a capela nova, bem maior que a antiga e com feitiço de capella, conforme o croquis ao lado. A parte pontuada significa a ampliação a ser feita, a parte restante está pronta.

Como muitas malocas também esta do Maturuca tem um curral para gado. Há anos passados o tuxaua Melchior, chefe do pessoal do Maturuca e lugares vizinhos, tomava conta duma ponta de gado do tenente Cicero Correia de Mello, fazendeiro estabelecido na "Casa Branca", no baixo Mahú. Este senhor que já fôra administrador de "São Marcos" é bom para com os índios. Viu porém que não lhe dava resultado deixar o gado nos campos da grande enseada do Maturuca e por conseguinte retirou-o; item da Fazenda Socó sob os cuidados de Severino Pereira da Silva. De todos os tuxauas, Melchior (de perto de 40 ou 35 anos) é o melhor; o que mais zelo tem pela pratica da religião, para a oração, etc. e segundo me quer parecer, é também quem mais influencia exerce sobre os seus subalternos. É pena não saber ler nem escrever, no mais é bem instruido. A jurisdição dele pertencem, além do Maturuca,



as malocas de: Pedra Branca(8), Erira(8), Pakará(1), Eremutan(1), Wailang(?), Socó(4), Angawí(3), Maracanã(2), Tepéekúí(2), Caroná(4)-e Seremutá(1) e Sakúmequeré(3) na Guiana inglesa. Os numeros digo Algarismos junto aos nomes dos lugares indicam o número de casa ou barracas. Contei 510 Indios do Maturuca e dependencias alludidas. Passei no Maturuca 3 dias cheios occupado a bem dizer dia e noite. Houve lá 43 batizados e 14 casamentos. Prometti ao tuxaua Melchior (macuxi como a maioria dos seus comandados-ha poucos Taulipangs e alguns Ingarikós) de vir uma vez demorar-me algumas semanas no Maturuca assim de ensinar o pessoal e preparar os que puder para a crisma, confissão e comunhão (por ora só ha alguns poucos que fizeram a confissão e comunhão). Isso tem que ser feito e por quem saiba a lingua macuxi. Só poderá ser feito numa época em que os Indios tenham roça bastante. Presentemente não seria vivavel pois quasi não houvera inverno neste ano passado do que naturalmente muito ressentiram as roças tanto dos civilizados quanto dos Indios. Muitos só poderam conseguir roças pequenas, outros nenhuma. Quasi não deu legumes (feijão, milho, arroz). Em consequencia disso ha ahi pelo centro grande falta de farinha que é o pão da gente riobrancense, aliás de todo o valle do Amazonas. Muitos Indios, sempre occupados pelos civilizados no transporte de carga para as minas, mal tiveram tempo para cuidar das suas roças. Inverno escassissimo (pelo menos na serra, em Boa Vista menos), verão forte, e segundo parece a prolongar-se-isso pode até resultar em fome geral, pois com o rio secco nem de baixo (não) poderão vir senão poucas mercadorias. Por estes motivos só do outro verão em diante se poderá pensar em fazer grandes reuniões e morosas nas malocas maiores com capella. - O Maturuca é que em primeiro lugar mereceria a vista demorada do padre. Mas dependerá das circunstancias acima apontadas e de outras mais, qual o ponto a ser escolhido em primeiro lugar (Maturuca ou Parro no Surumú ou São Bento no Alto Cotingo ou Serra do Guariba ou...?) Aos poucos esta acção se deverá estender aos outros lugares. Por ora só posso dizer que esta expectativa causou muita satisfação aos Indios e em cerca de 20 malocas se prontificaram a fazer capella. Nas malocas menores acho conveniente reservar-se uma sala para o fim exclusivo da oração nas reuniões dominicais. Mas para tudo isso necessitarei que benfeitores me ajudem e deem imagens, estatuas, crucifixos, cobertas de alates, etc. bem como sinos de 7 até 30 kilos (sinos maiores para as malocas em que as casa estejam mais distantes e menores para as malocas em que as casas estejam agrupadas em area pequena), et. etc. Preciso ter cmm que possa estimular os Indios e premiar o zelo e boa vontade deles.

Deixei a maloca de Maturuca depois de cordiais despedidas dos bons Indios a 8 de Janeiro, agora acompanhado por uma leva deles até a proxima maloca, dos Angaós no Igarapé do mesmo nome, affluente do Waipaná e este do rio Mahú, gastando neste percurso fracas três horas. Dali em diante até a Cachoeirinha (do Unamará) foram comigo dois casais de Indios a servir-me de guias e que ao mesmo tempo iam visitar os seus parentes na maloca do Guariba. Do Angaós saímos a 9 até a Fazenda "Caranguejo" no Igarapé do mesmo nome, affluente do Virvá (Tacutú), sempre subindo edescendo serras por lugares tão pitorescos quão pedregosos, andando

em marcha regular cerca de seis horas (ou cinco horas e meia). Na pousada para o amloço, á beira dum meritizal, num poço lamacento, no leito mais ou menos empoçado do igarapé, pegámos varios peixes por um processo tão simples quão efficaz. Com ramos de cahimbé e folhas de meriti fizemos girar a agua descrevendo porção de circulos. Isso foi o bastante para entontecer os peixes e apanha-los com facilidade e certa dextreza. O tempo estava formado promettendo muita chuva mas só caíram pequenas chuvas passageiras. De noite abriu o céu limpo e dahi em diante vimos de novo bellissimo tempo de verão. A Fazenda Caranguejo está muito bem situada, e parece ter campos bons e clima ainda mais frio. Na outra viagem hei de levar termometro e altimetro afim de poder marcar o grau de temperatura e altura de muitos pontos. Do Caranguejo fomos 2/3 da viagem já em terrenos bem planos enfiando por boqueirões ou walles estreitos. Parámos uma hora e meia á beira do Igarapé Wazá-pé ou Jacitára (palmeira delgada quasi sendo trepadeira ou cipó, cujo caule espinhoso é empregado para entamiçar tabaco (Dom Antonio poderá explicar isso com tantos outros topicos quiçá melhor explanados que os deste relatorio) para uma "segurapeito". Tomando um banho fresco num poço grande do Waza-pé-uté notei para grande surpresa minha linhas horizontais em varias camadas, cor branco-azuladas, de forma regular e uniforme em toda a rocha, lages e pedras soltas do leito do igarapé. Só pod' am ser marcas do nivel das aguas e deposito de mineral contido nas aguas deste riacho. Seria olmidium e agua radioativa como indicou o Snr Severino? Achei tambem barro fino verde oliva. Tirei amostra da agua, uma pedra marcada e um bolinho do barro. No seguimento da viagem ainda deparei com granito verde oliva. Será "olivina" ou "serpentina" ?! Tendo oportunidade de enviar estas folhas para V. Revma, encerro estas linhas na Fazenda #ala no Igarapé do Bismarck. Seguirá mais tarde a continuação.

De V. Paternidade
humilde subdito

(ass.) fr. Alcuino O.S.B.

Fazenda Primavera am Rio Tamba,
den 17 Januar 1940

Hochw. Herr Herr Vater
Erzbischof!

Diese Zeilen schreibe ich bei Vergegenwärtigung
einer indischen Morgenstunde. Statt der Folgen
des Reiseberichts möchte ich Hr. Gnaden einige
Hinweise über die Zukunft der Mission mitteilen.
Es scheint außer Zweifel zu stehen, daß
das Rio Branco - Gebiet ungegenwartig
wird. Vorläufig sind es Gold u. Diamanten,
die viele Leute aus Amazonas, Nordbrasil
u. hierherziehen, viele ziehen wieder ab, andere
bleiben sich definitiv hier nieder. Bisher
wenig Jahre wird so mit aller Eile
die Gebirgsregion mit "civilisado" bevölkert
werden. Dann können auch andere Mineralien im
Tage u. schließlich die verschiedensten Produkte
Es dauert vielleicht nicht mehr lange u. die
Landwirtschaft am Rio Branco vertenert sich.
Vor dem soll die Präsidia ein Gesicht haben
u. sogar mehr als ein in der Provinz
erwecken. Nach der nächsten geplanten Reise
zum Quellgebiet der Flüsse Ost- u. West-...

werde ich Ihnen, soviel möglich über
 samt dem Gebot Aufschlufs geben können.
 So dan ist es ein Tage der Zeit, vielleicht dau-
 ert es noch lange Jahre, vielleicht aber auch
 kein 10 Jahre mehr u. der Fluss eine "estrada"
 de rodagem od. gar estrada de ferro von Ma-
 naus nach dem oben Rio Branco wird zu Tal-
 nahe. So ist wird die Gegend um Serra de
 Luta, linkes Ufer des Rio Branco (Serra
 Grande!) im oberen Tante, bewaldet u. volu-
 mios, ob es dies geschicht wollten wir auch die
 Grund u. Boden für ein künftige Weiden
 anwenden. — Also zuerst eine Niederlegung
 und Erwerb von grossem Grund in Nord in der
 Gebirgs- u. Berggegend und zu nordost-
 warts; dan im Bereich Tante / Rio Branco
 Abzweigen von allem, was ich in meinem
 nach hingeworfenen Reiseberichten erwähnt
 wäre, m. u. s. w. 1. noch folgende zu
 beachten. Alle, auch die gewöhnlichen be-

Trägern des Bodens, der von der
 Viehzucht, finden bei den vielen
 Wässern, sofortigen Absatz zu günstigen
 Preisen. Bis jetzt für Färberei zahlt
 man in den "Minas" Osmium, wie ich
 mit einem April. Seine Verd. um 80, 100
 bis (nimmt schon dagegen 180 und
 1 Liter 2-300 fl. - Fertig, ganz was
 ist alle keine u. gewöhnlich.

Eine Wässer im freien Zustand wird
 sehr bald auf selbstigen Basis arbei-
 ten u. Wirtschaften können u. würde nach
 wenig Jahren in der Lage sein, wegen
 Ueberdies aufzugeben.

Punkt: Wässernarbeit unter 2. In
 einem wirtliche ich auch folgende erwähnen.
 Wenn ich wie ich vor habe, 1 Monat u. längere
 Warten in einem Platz u. dabei u. es
 soll ich die außer der Arbeit der Ueberdies
 um. In 2. Das wässern mit 10 Grad für
 gen. Da fehlt es aber u. hat an wirtl. Be-
 ständn. Abgesehen von Studium u. Bew-
 achtung von betriebl. Sprache, Sitten, Sitten u.

11

Wachsen auf den Inseln, gibt es
 Gelegenheit auf Samen von Papaya in
 Pflanzern u. allen mögl. Nischen auszugeben.
 Es fehlt ja nicht an Nachfrage für Wasser,
 z. B. S. Pauls - Darm u. der ist noch vielfach,
 sammelt man die Heilpflanzen um in vier
 oder fünf Jahren zu sehen die Früchte,
 dass es solche gibt u. zwar von dem
 sehr hohen Wert. All das gibt Arbeit
 u. viele d. Beschäftigung genug u. sind
 sich selbst sehr beschäftigt.

Den für den Mann
 Mit dreieckigen Ringknoten
 freundlich grüßend
 Ihr
 Dankbar
 H. Plummer

Fazenda Propriá no Rio Tambú, 22 de Janeiro de 1940.

Exmo. e Revdmo. Senhor D. Archiabbade-Bispo!

Saudações muito respeitosas em N.S.J.. Christo.

Aproveito um tempinho, mesa, papel e tinta para escrever a V. Paternidade alguma coisa mais sobre a atual excursão minha. O ultimo trecho do relatorio de viagem foi encerrado na Fazenda Bom Jardim vulgo Bala no Igarapé do Bismarck (afluente do Viroa e este do Tambú). Estava enganado ao julgar que a "Bala" e a maloca da Serra do Guariba estavam em aguas do Rio Mahu.

Era a 10 de Janeiro, dia em que completei 45 anos, depois de encontrar o lindo granito verde, fomos, os 5 companheiros e eu, andando, no maior sol, até chegarmos, em terreno quasi sempre plano, a beira do Igarapé Kungwá (-Baia palmeira Atalea) onde almoçamos, ja lá pelas 15 horas e onde ficamos até a manhã do dia seguinte. Bem que eu queria adiantar mais a viagem, porem o guia allegou que era muito incerto achar-se agua no caminho e viajar de noite era impossivel devido a uma serra de descida feia. Assim acampamos no mesmo Igarapé Kungwa, do qual tirei uma amostra dagua por observar na rocha do leito deste riacho indicações claras de agua radioactiva. A 11 levantamo-nos as 4 horas da madrugada para já podermos pôr-nos em movimento ao primeiro clarear do dia. O caminho apresentava trechos tão difficeis que no escuro seria impossivel ou perigoso demais transitar-se. Lá pelas 10 horas do dia, chegamos ao valle estreito e comprido do igarapé do Uanamara (afluente do Mahu) e as 11 mais ou menos estavamos ja na maloca da "Cachoeirinha" que encontramos quasi deserta. É que os Indios tinham ido pescar e só regressaram de tarde trazendo grande quantidade de peixes moqueados. Num poço grande e piscoso do leito do Uanamara deitaram eles timbo podendo destarte pegar, a bem dizer, todos os peixes ali existentes. Na Cachoeirinha do Uanamara fiz alguns baptisados e casamentos de Indios Macuxis. Havia lá também um East Indian, um cooli nascido em Demerara e amasiado com 1 macuxi. Quiz casar-se, mas como ainda é protestante, não se realizou o enlace. Fiquei de enviar ao mesmo um catecismo afim de ele estudar a doutrina catholica desejoso que se mostrou de conhecer a nossa religião e a abraça-la quando instruido e convencido. A principio só falava inglez, *domingo* mas depois verifiquei que ele falava ja bastante bem portuguez e ate mesmo, macuxi. Os Indios prometteram fazer 1 capelinha. Visiteinas immediações da maloca (de cerca de 10 barracas) 1 recanto com panellões funerarios. Achei a flor da terra nos morros e caminhos pedregosos das redondezas quartzo e outras pedras todas revestidas de uma camada de tinta encarnada, mesmo cor de sangue e guardei algumas amostras. Deixei a Cachoeirinha as 15 hs. do dia 12.I., andando, daí em diante sempre em plano ao longo do valle bastante estreito do Uanamara. Ainda aqui e acolá encontrei um ou outro pé de "piwe-yé". Colhemos muito mirixi do campo, planta myrtacea de frutinhas de delicado sabor.

A bocca da noite acampamos dentro da mata ribeirinha do Igarapé da Cuieira, para, no dia seguinte bem cedo proseguirmos viagem até a Fazenda Bom Jardim no Ig. de Bismarck, aonde chegamos lá pelas 9 1/2 hs.. Esta fazenda pertence ao moço Gelb de Lima, enteado do tenente Cicero Correia de Mello. Passei ahí o resto do dia (sabado) e na manhã seguinte, domingo (14.I.) houve Missa, pratica, 2 casamentos e alguns baptisados.

D. Alcyrino Meyer

Tive lá ensejo de remetter correspondencia á Boa Vista. Sabendo nos "Remédios" me estavam esperando até o dia 17 ou 18 e vendo que ao-
 sir não dava tempo de ir agora pelo baixo Mohu, resolvi cortar direito pelo
 Guariba, Serinha, Primavera ~~na beira do~~ Tacutu etc. - Assim saí da "Bela"
 na Paz, Bom Jardim depois do "segura-peito" que foi servido muito tarde - indo
 á maloca do Guariba, primeiro porem a casa do Macuxi Julio, cuja filha recém-
 cida e adoentada lá baptizei; isso em Igarapesinho Karapaning. De tarde fui
 com o Julio e com muitos Indios que viviam espalhados em varios grupos desde o
 Karapaning até o Guariba. Passei perto de umas rochas que os Indios apellidam
 "Pedras do Aracua (Kairraiva-tepensa). Aracua é um passaro, cujo canto deu
 origem ao nome perfeitamente onomatopaico. A estas pedras como a muitas ou-
 tras que vi, de formas bizarras e exquisitas, ligam-se lendas e superstições
 indigenas, que fornecem assunto para artigos a serem publicados oportunamente.
 Na maloca do Indio "Capitão" fiquei deslumbrado ao ver o maravilhoso panorama
 que offerrece aquelle ponto, o mais bello quiza de toda a região percorrida,
 ainda mais realçado pelo tempo claro, ceu limpo e a hora dourada do pôr do sol.
 Todo esse campo arrodado de serras não muito altas vendo-se para o Nascente
 immensa planicie cujo horizonte é marcado pela parede azul-cinza da cordilheira
 do Quano-quano na Guyana Britanica. Ha neste trecho uma jazida de uma expe-
 cie de cre cor branca-crème, da qual levo amostras e achei a flor da terra
 pedras pequenas de superficie aspera a qual os Indios dão o nome de "tiwi-
 marzirin". Seria mesmo indicação de existencia de carbureto como posterior-
 mente ouvi dizer? - Chegamos á maloca do Guariba, isto é ao centro do alo-
 camento pelas 19 hs. e lá fiquei até as 16 hs. do dia seguinte fazendo ainda
 alguns baptizados e casamentos, celebrando Missa, etc. - Encontrei ahí o
 Indio Augusto Feitoza, bem civilizado, da estatura mais ou menos de D. Meinrad.
 Já serviu de guia e companheiro de viagem de D. Antonio de quem pediu noticias.
 É pagé e ~~tuxalla~~ da maloca da Cachoeirinha. Esta no Guariba, em casa do cunha-
 do fazendo farinha. É o segundo pagé que me poudo dar informações valiosas
 sobre plantas medicinais e por ele vim a conhecer varias plantas preciosas e
 ficou de me arranjar sementes e especimens de cada uma. Não sabia ser a "pi-
 we-ye" "planta medica para curar paralytia, mas indicou-se a muiratana ou
 "wanai:-ye" que diz ele acaba com o crescimento dos pellos. Pelo modo da apli-
 cação deprehendo que se trate de outra planta diferente da que me indicara o
 pagé Luiz. Tanto melhor! Mostrei ao Augusto raizes que trazia comigo, das
 quaes ele conheceu ainda outra applicação, de que a por mim conhecida - e bem
 importante. Assegurou-me que ultimamente andou no Alto Rio Branco um inglez
 a procura de plantas medicinais. Este inglez ofereceu ao Augusto 7 contos de
 reis em troca de revelação do segredo da dita planta ou raiz, a saber para curar
 a impotencia ou infecundidade da mulher. Augusto não confiara ao mesmo o se-
 gredo ou seja não lhe indicou a respectiva planta - só o faria se o inglez lhe
 pagasse a vista, pois já ensinara muita coisa boa a varios pesquisadores que
 promettiam paga-lo mas dos quais até hoje nada recebeu. Tambem me ensinou
 uma planta wue, afirma ele, cura a tísica ou tuberculose (J). Fiz, pois, es-
 tas e outras descobertas de certo valor.

Um caso interessante vim a observar na maloca do Guariba: Uma In-
 dia dera á luz 1 menina que eu baptizei não na Capella e sim na respectiva ca-
 sa; esta criança tem um irmão ou irmão gêmeo que com já 5 dias de differença,
 ainda não nasceu nem ainda neste dia se sabia quando e em que condições nasce-
 ria. A mãe entretanto já andava e não dava mostras nenhuma de doente, nenhu-
 ma febre ou complicação até aquella data. Veremos adiante em que ficou ou
 tera ficado o caso. - Deixei a maloca do Guariba na tarde do dia 15 indo dor-
 mir no lugar "Serimbe" em casa de um civilizado meio caboclo onde houve um
 baptizado. A 16 prosegui viagem até a beira do Tambu, andando 4-5 horas de
 marcha regular, a principio beirando o Iguape de Viroa empoçado e depois pelo
 lavrado sem encontrar agua até perto de "Primavera"

A continuação do relatório seguirá mais adiante.
 Profundos respeitos
 a) P. Alcuino OSB.

Faz. Primavera - 24-I-40

" Conceição - 25-I-40

Exmo. Revdmo. Dr. Archiabbade - Bispo!

Saudações muito respeitosas em N.S.J.C.

Continuo o relatório de viagem. Tinha chegado à margem direita do rio Tacutu, no lugar "Primavera", de onde sai beirando o rio e passando pelos lugares ou fazendas Montevideo, Carapanatuba, Natal, Sebastopol, demorando-me ora mais ora menos em cada ponto de acordo com a precisão ou conveniência.

Em cada um dos lugares indicados mora só uma família. Em dois deles as donas de casa são índias. Mais abaixo passei o Igarapé do Chumina e ao anoitecer achava-me na fazenda São Raymundo. A 18 pela manhã atravessei ali o rio Tacutu que nessa altura pode ter mais ou menos 400 metros de largura. Estava seco, podendo vadeá-lo com água nos quadris. Talvez metade do leito do rio é praias. Cheguei ao lugar "Parnaso" em seguida a a fazenda "Remédios". Mora ali um velho mineiro (do Estado de Minas), paralytico dos pés desde muitos annos, que, todos os annos celebra as festas de São Sebastião na casa dele havendo nesta occasião affluencia de povo das fazendas visinhas e mesmo de lugares distantes. Accendem grande numero de velas de stearina e sebo deante da imagem do santo, reúnem-se em torno do oratorio para a recitação da ladainha (sempre ha uma ou outra pessoa que saiba "tirar ou puxar" a ladainha) e algumas orações e a seguir diverte-se o pessoal dansando a noite toda, isto é uma duas ou até tres noites. O atractivo principal da reunião annual é o divertimento, a oportunidade de travar relações ou de encontrar conhecidos, interesse de negocios e para algumas promessas a cumprir sobre tudo ao acompanhar a procissão.

Agora foi a primeira vez que era convidado um padre para tomar parte nas festas. Creio que deste anno em diante sempre sera haverá de ser chamado um ministro da S. Igreja.

Os moradores do lugar e das redondezas tencionam construir ali uma Capella de alvenaria em honra de São Sebastião. Para isso angariaram-se ja muitas contribuições e se compram ja parte do material de construcção que, em Boa Vista aguarda a conducção para o lugar do destino na época do rio cheio. E não é somente o pessoal de Tacutu que se mostra interessado na erecção da Capella, e e tambem muita gente de pontos distantes como tive oportunidade de constatar no decorrer desta viagem. Assim não duvido que a Capella se faça e que talvez já esteja em condições de servir nas proximas do Santo em Janeiro de 1941.

O dono do lugar "Remédios" é um velho mineiro, isto é filho do Estado de Minas (da cidade de Juiz de Fora), homem de bons sentimentos e estimado em toda a região. Devido longos annos esta paralytico dos pés e de uma mão, mas bem conformado. Faz a sua confissão e comunhão assim como mais algumas pessoas.

A maioria dos assistentes não estava em condições de fazer a desobriga por falta da necessaria intenção e conveniente preparo. Durante os tres dias que passei nos "Remédios" houve naturalmente Santa Missa com pratica, a tarde ladainha com sermão; durante o dia instrucção catechistica ensaio de canto para a procissão, baptisados e etc.

Fizemos a contagem anôminal de todos quantos ali se reuniram e poucos e pequenos e apuramos o numero de 115.

Na tarde do dia 20 houve procissão e, que no entender de muitos participantes era o acto principal e ponto culminante das festas. A procissão precedida de sermão decorreu em boa ordem e assim foi bonita lamentando muitos que ninguem houvesse trazido aparelho photographico afim de fixar e perpetuar o para muitos importante e memoravel acontecimento segundo a mentalidade do povo sertanejo.

Um homem fizera a promessa de carregar um cachorro nos braços, cumpria-a religiosamente; uma senhora viuva de andar descalça envolta em grande roupao branco, 2 rapazes irem montados a cavallo, uma moça a assistir em trajes pauperrimos carregando uma pedra sobre a cabeça e assim por deante.

Cumprem-se fiel e devotadamente promessas razoaveis tão bem quanto extravagantes e até absurdas. Anunciei ao pessoal a grata perspectiva de uma vez construida a Capella etc. poderem vir 2 irmãs (2 Madres de Boa Vista) a passar algumas semanas antes das festas a instruir pequenos e mesmo grandes e preparar a todos para a recepção de S. Sacramentos inclusa a confirmação, nova que foi recebida com geral satisfação.

Deixei a fazenda "Remédios" a 21 de Janeiro, já sem um companheiro de maxima utilidade, a burrinha. Esta provavelmente aperreada por algum cavallo safado, conseguiu quebrar o cabresto comprido em que estivera amarrada e livre de peias, aproveitou a liberdade e a escuridão da noite para experimentar a agilidade das pernas em demanda naturalmente do pasto saudoso de Calunga.

Procurou-se a burra, a pé e a cavallo em dois dias seguidos e só encontraram o resto. Ia certa no rumo de Boa Vista. Na ultima hora foi-me apresentado um cavallo que já carregara carga uma vez, mas que não estava ainda bastante habituado a este mister. O resultado foi começar a jogar deixando a carga no chão. Desisti então de levar semelhante bicho por revelar-se companheiro mui problemático e nada seguro, devolvendo-o, ou por outra mandando devolvê-lo ao generoso emprestador. A carga ficou no dia seguinte no meio da estrada, entre o "Parnazo" e a fazenda Propia á margem esquerda do Tacutú. No Propia expliquei o caso e o proprietario, um sergipano e sertanejo prestativo, mandou buscar os troços em carro de boi.

Com estas manobras fora do programa resultou algum atrazo e demora no seguimento da viagem. Dali do Propia em deante, era o meu rapaz o Indio Sypriano, que tivera de carregar o sacco de borracha com rede roupas etc. isto é o mais indispensavel para a continuação da viagem. O resto as malas e .. ficariam até o meu regresso da inspecção ao baixo Mahu. De volta embarcaria tudo na igariti que o dono do "Parnaso" poz á minha disposição e terminaria a viagem por agua levando alguns Indios da maloca Guariba. Do Propia (nome devido a algum grande do Estado de Sergipe) fui, acompanhado do Snr. Manoel de Freitas, da mulher dele com alguns filhos em direcção da Carapanatuba, Natal e Montevideo. Atravessamos o rio a pé, com agua pouco acima dos joelhos e por praia enorme na altura de Carapanatuba. O Snr. Manoel carregava o sacco com o altar. Caminhando atraz dele na praia notei, para meu espanto que o sacco estava pingando e abrindo-o ancontinentemente verifiquei que o frasco de vinho tinha-se destampado, escorrendo quasi todo o conteúdo. Pronto, ahí fiquei eu desarmado! Ainda pude celebrar Missa no dia seguinte no logar "Montevideo" e lá deixei o altar em boas mãos até meu regresso se não apparecesse uma canoa indo até a "Casa Branca" no Mahu. Se esta não demorasse deveria levar-me o altar juntamente com o resto de vinho que ficara numa mala ou com o que viesse de Boa Vista. Tenho porem mui pequena esperanza de que a anunciada canoa chegue a tempo e muito provavelmente só poderei celebrar Missa de novo quando

de regresso daqui a mais ou menos 15 dias.

De Montevideo fui a fazenda Primavera, onde houve ainda um casamento e dois baptisados e de onde ainda atravessei para a outra margem do Sao Francisco.

Abaixo desenho um croquis mais ou menos exacto do trecho ora descrito:

.....
.....

Sai da fazenda Primavera onde hei de voltar mais ou menos 8 a 15 dias, a 24-I. em direcao a fazenda Conceicao do Mahu, acompanhado de um guia ate a bocca do Igarape do Viroa (nos mapas acha-se erradamente o nome de Viroaquim ou Viroaqui quando o verdadeiro nome e Viroa pois "Ken-Keng" em maxui quer dizer bocca, fos de rio e Igarape; como alias, inumeros outros erros topographicos e nomes de lugares estao esrrados). Daqule ponto em deante fui so. Dentro de 2 horas de caminhada cheguei a "Conceicao", fazenda do 4º Dr. Augusto Zany que fora assassinado em Boa Vista no Natal de 1928 (alvejado por casualidade quando a victima escolhida havia de ser o Cel. Homero Cruz).

O meu companheiro e criado Sipriano vinha atraz. Tera voltado por se ter esquecido de alguma coisa. Na bocca do Viroa esperei por ele bem meia hora, em vao. Que seria do rapaz. Tera sido tao facil seguir atraz de mim e do guia acompanhando as nossas pegadas bem visiveis na areia, e poeira do caminho. Ademais os Indios, por via de regra, teem otimo tino orientador; não porem, segundo tive de observar por mais de uma vez o meu Sipriano. Tera seguido a estrada grande que vae bater no "Passarao" de Mahu ou a estrada menor trilhada da Casa Branca.

Vaqueiros da Conceicao viram, naquela direcao sinaes de fogo no campo, e ate rastos de peão. Seria ele sem duvida. Por sorte o meu sacco de borracha vinha na canoa e foi-me trazido de tarde. O Sipriano porem ficou com a minha batina e a bolsa dos Santos Oleos etc. justamente o que necessitava para alguns baptismos na Conceicao. Estou assim a espera neste lugar, pois um cavalleiro seguiu para o Passarao hoje (25) de manha devendo estar de volta de tarde e provavelmente trara a bolsa, roupa e quiça vira o Sipriano. Como ja escrevi salvo "lapsus memoriae", irei abeirando o Mahu ate acima do Lameiro, voltando mais ou menos pelo mesmo caminho ate a Cachoeira, dali pelo lago de Caracaranã ao Guariba e de la a Primavera no Tacutu.

A continuacao do relatorio seguira.

Termino beijando respeitosamente o anel sagrado de V. Excia.

Revdma. e subscrevo-me sempre grato e devotado,

menor filho em Jesus Christo

a) Pe. Alcuino OSB.

Fazenda Cachoeira do Mahú, 2 de Fevereiro de 1940

Exmo. Revdmo. Snr. D. Archiabbade-Bispo!

Saudações muito respeitosas em N.S.J.Chrº

Continuo com o relatório de viagem. As ultimas linhas foram escritas em "Conceição do Mahú". Lá tivera eu de esperar bons 2 dias por causa duma tollice ou forte descuido do meu rapaz. Este, em vez de seguir o rasto meu e do guia, bem visível na areia do caminho, nao reparando nele, distraído e pensando não sei em que, ganhou a estrada larga que ia leva-lo ao "Passarão".

Não conhecendo porém a região e seu "boia" (- comida ou provisão) desanimou, já quasi proximo a "Fazenda Passarão" e regressou pelo mesmo caminho a Fazenda Primavera em Tacutu ou seja ao ponto de partida ali chegando as 8 hs. da noite, cansado e morto de fome. Deixara-me bem enroscado, pois levava na ~~ganaceli~~ um embrulho meu contendo a baquina e a bolsa com os Santos Oleos etc. Já estava pronto para seguir viagem ate o "Passarão". Um cavalleiro que ia para lá, levava na garupa do cavallo o sacco de borracha com rede e roupa etc. e eu ia a pé. Porém no ultimo instante resolvi ficar (era na manhã do dia 25) na "Conceição" a esperar noticias sobre o paradeiro do meu Cipriano. E foi melhor assim. O citado cavalleiro regressou de noite trazendo a noticia de que o Cipriano não chegara até o Passarão, mas que vira os rastos dele. A 26 pela manhã enviou-se um curumi a cavallo até a "Primavera" saber do que havia e trazer o rapaz ou pelo menos a encomenda e informações sobre o companheiro. Ambos vieram a tarde e assim terminou o incidente desagradavel. Não fora de todo desagradavel porque me forneceu ensejo de escrever cartas e ler muita coisa interessante em revistas embora velhas. Saímos da "Conceição" a noite do dia 26 aproveitando o bello luar. Quanto a direção perdemo-nos em feio charcanal, mas depois de andarmos a tóa cerca de 1 hora ganhamos a estrada que nos levava direito ao "Passarão".

Tendo deixado a "Conceição" as 21 1/2 hs. chegamos pertinho do "Passarão" as 2 hs. da madrugada do dia 27. Não querendo encomodar os moradores do lugar a altas horas da noite, resolvi armar as redes debaixo de vetusto caimbeseiro e dormir o resto da noite, ouvindo ja o canto do gallo na fazenda. Levantamo-nos com o clarear do dia e fomos a casa do Sr. Gabriel Pereira da Silva, vulgo Gabido, um velho doente que mora no "Passarão" com algumas filhas e netos, mais ou menos miseravelmente. Pediu-me instantemente que do Rio de Janeiro eu mandasse vir para ele bem 6 vidros de elixir do Dr. Casenave (ao que parece remedio francez). Para grande consolação dele prometti isso e peço ja a V. Paternidade queira ter a bondade de dar ordens neste sentido, afim de me serem remettidos os ditos vidros, 6 ou mais. Demorei-me pouco no "Passarão" e depois de sorver um mingau de gomma ou como tambem o denominam "mingau de caridade", fomos andando, o Cipriano e eu, abeirando o rio Mahu, passando pelo lugar abandonado de nome Aramira, mais adiante "Nova Estrella" e por fim "Casa Branca", onde chegamos as 10 1/2, isto e depois de 2 1/2 hs. de marcha.

Tanto em Tacutu como em Mahú encontram-se muitos cajuais e aqui e acolá tambem bellas mangueiras, as vezes arvores colossais, alem de laranjeiras etc. Neste verão os cajucieiros não carregaram muito devido a falta quasi absoluta de chuva. Os campos estão mirrados, os lagos seccos. Informaram-me que do lado inglez já morre muito gado de sede.

Almoçamos na "Casa Branca" e lá pude ler algumas notícias do que vai pelo mundo em jornais de Manaus de Nov. e Dezembro 1939.

Proseguimos às 16 horas, agora por um lavrado enorme chegando às 17 1/2 hs. à "Enxada" onde nos hospedamos na casa de um preto velho de não menos de 90 anos de idade. No dia seguinte era domingo, mas não pode haver Missa por falta de altar. Fiz lá 3 baptizados e 1 pratica ou antes catechese e depois fomos adiante pelo "Novo Destino", chegando lá pelas 10 1/2 hs. (após 1 1/2 hs. de marcha) à nova Fazenda Belem do Mahu, favoravelmente situada a beira do pequeno igarapé do Passarinho frondoso e de margens muito altas. O dono do lugar, Leonel Galvão, é hoje um moço bastante abastado.

Fôra vaqueiro do lado inglês durante longos anos e de poucos anos para cá tornou-se independente casando-se com uma senhora Guyanense de descendência portugueza. Esta possuía ou possui alguns bens que herdara do primeiro marido, um preto já velho que tinha ficado solteiro até aos 70 e tantos anos. Numa viagem que fez a Georgetown arrumou o casamento a instância e conselhos de terceiros. Ele era fido e dono duma grande fazenda de gado a margem esquerda do Mahu, de nome "Santa Fé". Belem do Mahu tem um aspeto muito agradável, casa ampla e bem agitada, barracão para os vaqueiros e outras dependências ou construções secundárias.

Nota-se ahí logo certo conforto. Aliás devo dizer que é no Tacutu e no Mahu que se encontram as melhores casas do interior do Rio Branco. Seguimos adiante as 16 hs. passando logo do outro lado do igarapé do Passarinho pela fazenda Passarinho hoje abandonada, em direção ao "Condado" e de lá a Fazenda "Cachoeira do Mahu" do velho cearense Amancio Ferreira de Lucena.

A casa deste senhor é toda de taipa, mas é uma enormidade, alta e espaçosa como talvez não haja outra em todo o interior do Rio Branco. Nesta casa passei, em Junho de 1932, quasi 3 semanas doente de um pé e desde então tem um quarto especial a disposição do padre.

À noite do dia de minha chegada veio a triste noticia de que o filho mais velho da casa, José Amancio, fallecera em "Remedios", aonde tinha ido cumprir uma promessa em honra de S. Sebastião, constante de 2 maços de velas. Adoeceu lá de infeção intestinal, acesso de impaludismo e outras complicações. José Amancio, tinha trabalhado um ano na Serra Verde no alto Rio Aquino e lá apanhara uma especie de beriberi (seccante), da qual não ficara curado apesar de inumeras injeções etc. - Assim a familia do Smr. Amancio ficou enlutada e foi uma consolação para todos estar eu presente. Passei lá o dia seguinte descansando. Ahí vim a ver a arvore xuxua, cuja raiz fornece um excellente remedio depurativo e revigorante.

No dia seguinte fui pela "Perseverança" até o Cariri, ou Fazenda Bom Futuro, onde se reuniu quasi todo o pessoal do Lameiro ou Bocca do Uanamara e lá fiz 4 casamentos e 10 baptizados. Entretanto o Smr. Amancio mandou buscar o altar que ficara no lugar "Natal" no Rio Tacutu. A 31-I regressei do Cariri a Cachoeira do Mahu já encontrando o altar. Assim pode haver Missa nos dias seguintes, a qual compareceu alguma gente da vizinhança. O Smr. Amancio reteve-me mais 2 dias que passei fazendo algum serviço e no mais achei boas leituras para me entreter e escrevi alguma coisa. A familia do Smr. Amancio é profundamente religiosa e quasi todos receberam as S. Sacramentos. O velho é temido em toda a região por ser direito e correto; é aliás subdelegado de policia. No dia 3 segui viagem indo almoçar no Cariri (2 horas de caminho) e de tarde fui pelo lameiro atravessando o Igarapé do Uanamara, até o lugar São João na beira do Rio Mahu (1 1/2 hs). Lá compareceu todo o pessoal do Lameiro e alguns do lado inglês, todos brasileiros e alguns venezuelanos, para assistirem a S. Missa no dia 4 que era domingo, ouvirem a palavra de Deus, etc.

Houve também 3 baptizados. Terminando o serviço, lá pelas 11 hs. fui á maloca do Boqueirão da Lua á casa do Tuxana Luiz em Zudnunu - Etamũ. O Tuxana viera buscar-me. Zudnunu-ye é nome de uma arvore; etamũ quer dizer enseada, Zudnunu-ute é o nome do igarapé e Zudnunu-eping o da serra ao pé da qual está situada a maloca, lugar bonito.

O tuxana Luiz é conhecido por Luiz caroçudo. Conheci o pai dele que tinha um quisto enorme sobre uma das vistas. Por causa disso apellidaram-no de Elang caroçudo, qualificativo que passou para o filho Luiz. - Esperei achar reunido em Zudnunu-etamũ o pessoal todo, mas tive de esperar até o dia seguinte e nem então compareceu toda a gente. Mandeí avisar e convidar também os indios macuxis do Muriru etc. do lado da Guyana ingleza por serem aquelles Indios brasileiros que de primeiro moravam deste lado. Mas eles não apareceram. Os pobres passam mal aqui, isto é actualmente. Farinha não se acha, muito mal algum beipe de mandiça nova e pequena. Tantas vezes os Indios teem de comer "escoteiro" isto é só carne ou peixe sem mais nada. É uma verdadeira lastima. Se continua esta fome geral e falta do pão deles, arriscam muito morrerem de fome. Aço mesmo que foi por falta de rancho (farinha e beipe) que muitos Indios deixaram de vir. Assim mesmo passei 3 dias na maloca do Boqueirão da Lua e houve alguns casamentos e 11 baptizados. Algumas crianças tinham sido baptizadas por padre inglez (Jesuíta) do lado britânico. Os padres jesuitas fazem regularmente 1 vez por ano o serviço de desobriga, e muitos brasileiros civilizados e indios, aproveitam esta oportunidade para mandarem baptizar os filhos etc.

Fui a uma maloca distante 1 1/2 hs. fazer 1 casamento e 2 baptizados devido a uma India estar doente e não poder vir a reunião. Assim mesmo ela vinha se arrastando e ja a encontrei perto de casa dela, aonde voltou não sem difficuldade. Não sei como a pobre teria feito a viagem até o Zudnunu-etamũ. -

O territorio do Boqueirão da Luz é reservado aos Indios Macuxis conforme decretou o General Rondon em portaria de 4 de Dezembro de 1927. Vi e respectivo documento copiando-o. Isso não obstou a que alguns fazendeiros do Mahu tentassem botar cerca em varios boqueirões fechando os campos para fazer um retiro de bois. Conseguindo illudir o delegado dos indios, mas com tudo isso não lograram o intento, pois o Snr. Amancio em cujo poder está o documento do General Rondon, protestou contra a ursupação e a coisa não foi adiante.

Nas imediações do Boqueirão da Lua encontrei, em 3 igarapés inspecionados claros vestígios de olmidium ou indicação de agua radioactiva, assim como varios minerais interessantes. De tudo levo amostras. Aproveitando ou valendo-me da generosa oferta dum filho do Snr. Amancio mandei abatter uma garrota para alimentação nossa e dos Indios. Deixei Boqueirão da Lua a 7-21 da tarde acompanhado do tuxana Luiz e mais um homem a cavallo e debaixo de um sol terrível, a nova fazenda, Retiro da Santa Fe na beira do Uanamara, 2 hs. distante. Este "Retiro" pertence a Leonel Pinheiro Galvão, dono do lugar Belem do Mahu. No mesmo dia a noite chegou o novo vaqueiro com a familia e na manhã seguinte o patrão com a senhora.

Quizera seguir viagem á 8 de manhã depois de realizar um casamento de Indios. Entretanto fiquei empatado o dia todo a espera de algum rancho como sejam, café, assucar farinha etc.

Calungá, 18 de Março de 1940.

Exmo. e Revdo. Senhor Dom Archibade-Bispo!

Saudações muito respeitosas em N. S. Jesus Christo.

Soube agora que hoje vai correio e as pressas escrevo estas linhas. Tinha de completar o meu relatório de viagem e trazer o resultado do recenseamento, mas devido à pressa deixo de fazê-lo no momento. Remetto por correio comum o resto das folhas escriptas no decorrer da ultima viagem, não sabendo entretanto se tal remessa ainda alcançará a V. Paternidade no Rio.

Venho agradecer a V. Exa. os votos de felicidade para o meu jubileu de profissão assim como as boas palavras que por varias vezes teve a bondade de me endereçar.

Alguns dias depois da Pascoa emprehenderei outra viagem, juntamente com o Dr. Drescher, até o Rio Quinô e o alto Cotingo, onde pretendo visitar os Ingariçós. Provavelmente levaremos cerca de 2 mezes.

Quero dizer, por alto, que o numero dos Indios visitados na passada viagem eleva-se a cerca de 2.800, sendo a grande maioria de Macuxis.

Tenho de encomendar a V. Paternidade encomendado algumas coisas, pois só assim tenho a certeza de que a encomenda será levada em consideração e executada. Peço que V. Revdta. mande comprar na Casa Sucena (se não houver inconveniente em meu nome) 1 estatua de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, de 1 metro de altura. Destina-se a uma capella ex voto que o Sr. Pdrc Rodriguez está consruindo no "Porto Alegre" no Rio Tacutú, horém abastado que pagará a encomenda quando o requisitarmos. Para outras pessoas peço mandar comprar as seguintes imagens (estatuas):

- São Sebastião, 50 cm. de altura;
- Nã. Senhora do Perpetuo Socorro, de cerca de 30 cm.
- " " da Conceição " " " " "
- " " " Glória " " " " "

Seria preciso indicar por fóra das respectivas caixas qual a imagem que está contida em cada uma das caixas, para não se ter de abrir nenhuma dellas e poder encaminha-las fechadas aos destinatarios.

Quira desculpar tal encomodo. E muito agradecido.

Resta-me dizer algumas palavras sobre o nosso Ir. Luiz, que está ansioso por ter uma solução do caso delle. Até agora o Ir. Luiz tem-se portado muito bem, quanto me foi possível observar. É um homem eminentemente pratico, de muita experiencia em tantos assumptos que interessam os trabalhos de uma missão. Poderia por tanto prestar excellentes serviços aqui, desde que possa se enquadrar da forma que é preciso. Quando V. Paternidade vier, como esperamos, daqui a alguns mezes, poderá resolver este caso. Pelo que vejo, só poderá ser acceto como oblato...ou talvez se confira arranjar um modus que satisfaça tanto a elle quanto á missão.

Beijando respeitosamente o anel sagrado de V. Excia. e desejando desde já optima viagem para cá, sou sempre grato, menor filho em S. ento

H. M. ...

P. S. No tocante ao irmão Luiz queria ajuntar ainda o seguinte. Obedecendo ás instrucções de V. Paternidade, elaborou elle um plano sobre o futuro da missão se caso for centralizada no Calungá. Praticamente é um plano sobre o eventual aproveitamento do Calungá. Achei esse plano muito bem feito. Sem a menor duvida demonstra muita visão pratica e experiencia adquirida em construcções e installações de dentro missionarios como o Ir. Luiz tivera oportunidade de executar na Africa. Aliás trata-se de 3 propstas. differentes. Lamento que elle não possa remetter já esses planos a V. Exa. Revda. Mas aqui chegando os lerá certamente com muito interesse.

Post! Seminário de Treze-Posos 27 II 1941
Pinheiro (Est. do Rio)

Hochwirdiger, lieber Herr P. Alkain!

Mit den innigsten Segenswünschen für das hl. Osterfest hoffe ich daß Sie wieder glücklich reich an neuen Verdiensten von Ihrer Missionsreise zurückgekehrt sind. So Sie aus heiliegenden Schreiben des P. Vietino erschien, erwacht auch in Brasilien das Interesse für die Missionen und so möchte ich Hochwürden zwingend bitten, mir für die Ausstellung, die nächstes Jahr aus Anlaß des eucharistischen Nationalkongresses in S. Paulo gemacht wird, das nötige Material zusammenstellen und schicken. Ich möchte natürlich dann in S. Paulo eine Dauerausstellung machen oder in Rio, wenn mir die Abtei nach dem eucharistischen Kongreß einen passenden Raum zur Verfügung stellt, darum möchte ich gleich bitten, die Gegenstände unter diesem weiteren Gesichtspunkt auszuwählen und zusammenzustellen.

Dann bin ich leider gezwungen, Hochwürden zu bitten, mir eine Copie der Statistik der Malocas senden zu wollen und der Liste der Caboccos, die Sie in Calunga unterrichten. Ich habe die beiden Blätter einem Mitbruder geliehen und sie nicht zurück erhalten, trotz aller Umfrage. Wahrscheinlich hat der betreffende die Blätter verlegt, und ich hätte sie so nötig gehabt für das Requerimento an Getulio, da wie mir der Interventor sagte sehr aus ist auf Statistiken. Ich habe um eine Subvention nicht nur für das Hospital, sondern auch für das Patronat in Calunga gebeten und Herr Alvaro Maia hat mir eine warme Empfehlung geschrieben, so daß ich Hoffnung habe, etwas zu erreichen. Sehr dankbar wäre ich natürlich, wenn Sie mir auch von der diesjährigen Reise eine ähnliche Statistik schicken mit Angabe der religiösen Verhältnisse in jeder Maloca.

Über unsere Ricbranquenser Kandidaten, die drei Patres Athanasius, Bonifatius Wolfert und Fr. Canisi habe ich an R.P. Prior berichtet, und hoffe, sie im nächsten Jahre senden zu können.

Nochmals herzliche Osterwünsche und viele Grüße
Ihrer Hochwürden in Christo ergebener